

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Não estamos numa guerra de sexos  
com a nossa luta feminista [We are not  
in a sex war with our feminist struggle]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.  
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy  
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Quadros, Bruna
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-06 05:22:27
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/161816">http://hdl.handle.net/20.500.12424/161816</a>

## “Não estamos numa guerra de sexos com a nossa luta feminista”

Para a psicóloga Renata Domingues, há uma flexibilização e multiplicação das formas de se compor enquanto mulher no cenário atual, embora seja possível problematizar os efeitos destas novas configurações e seus enraizamentos

POR BRUNA QUADROS

“O sistema capitalista, ao contrário do feudal ou monárquico, apresenta uma abertura para o acesso, a circulação e a apropriação de informações numa velocidade global. Neste sentido, é possível agregar uma diversidade de elementos culturais, gastronômicos e estéticos (antes impensáveis) nas formas como nos construímos enquanto mulher.” A afirmação é da Profa. MS Renata Pimenta Domingues, em entrevista concedida por e-mail à revista *IHU On-Line*, acerca da temática do filme *Pão e tulipas*, o qual será exibido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no dia 3 de junho, no evento Cinema e Saúde Coletiva: Mulheres e seus múltiplos desafios. Ao analisar a postura da figura da mulher, frente às transformações culturais e morais da sociedade, ela ressaltou que a relação do feminino com os dispositivos sociais fazem funcionar as relações de poder, nas quais se inserem as relações de gênero. Para ela, a questão recorrente não é mais a abertura de espaço para a participação feminina, mas, sim, perceber em que condições se dão as inserções em tais espaços.

Renata Pimenta Domingues é graduada em Psicologia, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, e mestre em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, atua na área de Psicologia Clínica e Institucional. Vinculada a uma cooperativa de profissionais de saúde em Porto Alegre, realiza atendimentos individuais e grupais, além de elaborar projetos de trabalho em comunidades e instituições, tanto educacionais como de vulnerabilidade social. É também coordenadora pedagógica das oficinas de arte-educação da Secretaria Municipal de Cultura, de São Leopoldo.

**IHU On-Line - Como você percebe a luta pelo empoderamento e emancipação feminina nos dias de hoje? Quais são os principais resultados deste esforço?**

**Renata Domingues** - Trata-se, antes de tudo, de um processo em construção e sem perspectiva de estar pronto ou acabado. Entendo a relação do feminino com os dispositivos sociais que fazem funcionar relações de poder, nas quais se inserem as relações de gênero. Neste sentido, temos um devir-mulher funcionando nas diversas malhas da sociedade: econômica, política, religiosa, estética, cultural. Os devires,

para Deleuze<sup>1</sup> e Guattari,<sup>2</sup> são potências de diferenciação que se produzem

1 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, enfim conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos. (Nota da IHU On-Line)

2 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

no encontro das diferenças, gerando multiplicidades, forças de afirmação da vida que compõem as construções das subjetividades femininas atuais. Temos uma flexibilização e multiplicação das formas de se compor enquanto mulher no cenário atual, embora possamos problematizar os efeitos destas novas configurações e seus enraizamentos. Neste sentido, podemos questionar as formas de opressão que se repetem e também as apropriações que o capitalismo faz das invenções e suas potências de transformação da realidade. Potência é diferente de poder, e talvez pudéssemos analisar com

cautela o termo empoderamento.

**IHU On-Line - Podemos dizer que a autonomia feminina seja um reflexo da modernização da sociedade, que também passou a conviver com outras culturas e conceitos? Que outros fatores influenciam neste processo de reconfiguração do papel da mulher?**

**Renata Domingues** - O sistema capitalista, ao contrário do feudal ou monárquico, apresenta uma abertura para o acesso, a circulação e a apropriação de informações numa velocidade global. Neste sentido, é possível agregar uma diversidade de elementos culturais, gastronômicos e estéticos (antes impensáveis) nas formas como nos construímos enquanto mulher. Conhecer a realidade das mulheres muçulmanas, indianas, norte-americanas, tanto nas diferenças quanto nos elementos comuns, no que se refere ao comportamento de gênero, aos objetivos de vida, aos sonhos, às metas, à relação com os filhos, à casa e ao vestuário, nos permite problematizar o lugar da mulher na cultura em que vivemos. Delineia-se a possibilidade de participação em movimentos sociais internacionais, via internet, de alugar uma casa sozinha, de a maternidade acontecer em produção independente, de haver o controle da concepção, de ocupar os mesmos cargos que os homens, enfim, uma série de elementos que abrem possibilidades que nos distinguem das gerações anteriores. Entretanto, como define Michel Foucault, temos um movimento de liberação que aconteceu e nos permitiu diversas conquistas. Já a liberdade é um processo constante de lutas pela igualdade nestes espaços todos que foram conquistados. Não se trata mais de abrir espaço, mas de como, em que condições e com que efeitos, sobre nós mesmas e nossas relações, estamos inseridas nestes espaços.

**IHU On-Line - Diante de um contexto social, em que as mulheres têm cada vez mais visibilidade, seja pelas relações sociais ou de trabalho, como o homem se sente? O seu papel também se modifica? Quais os impactos para o homem nesse sentido? Há uma crise da identidade masculina,**

**baseada no patriarcalismo?**

**Renata Domingues** - É possível que as próprias mulheres também não saibam como se sentem nesta reconfiguração. Muitas vezes, há o conflito entre o espaço doméstico e o espaço público, a dupla jornada de trabalho e a mesma inserção num esquema de produtividade, que implica no empobrecimento da vida pessoal e familiar (espaço em que as mulheres eram tidas como referência de sustentação afetiva e de coesão dos laços do núcleo familiar). Ao mesmo tempo, talvez os homens se sintam mais “autorizados” a serem pais de uma forma mais flexível. Isso porque faz cada vez menos sentido, nas configurações da subjetividade, o modelo patriarcal, do homem provedor, herói, rígido, responsável pelos limites, cujo contato afetivo com os filhos era restrito. Parece haver algumas tentativas de reinventar este papel do homem contemporâneo na relação com as mulheres, seja no sentido de compartilhar o espaço doméstico, de forma mais igualitária (divisão das tarefas), seja na proliferação de guardas compartilhadas pelos casais. As famílias caracterizadas por um segundo casamento envolvem uma complexidade de novas relações entre homens e mulheres, filhos e enteados, que multiplicam as possibilidades de identificação das crianças com o feminino e o masculino, não mais composto apenas pela figura do pai ou da mãe, uma vez que agora temos a figura cada vez mais recorrente dos novos companheiros dos pais.

**IHU On-Line - O que representa a emancipação feminina no âmbito familiar? Os filhos também passam a ter mais autonomia, tendo em vista que as mães passam mais tempo fazendo tarefas externas às do lar?**

**Renata Domingues** - Por um lado, percebo uma preocupação das mães em qualificar o tempo que passam com seus filhos e, por outro, há uma distribuição da responsabilidade com os cuidados infantis. Há, hoje, mais pais com crianças no colo na rua, participando de reuniões escolares, e, às vezes, disputando na justiça mais tempo com os filhos. Há que se considerar, por diversas perspectivas, a questão

da autonomia das crianças que nascem numa era de tecnologia, cercadas por diversos estímulos midiáticos, de jogos interativos, computadores e eletroeletrônicos, das mais diversas ordens. Eles sabem utilizar com mais facilidade que os avós e os ensinam a operar muitas vezes. As escolas vêm buscando também trabalhar com pedagogias que incluem esta nova criança contemporânea. Do outro lado da moeda, estão crianças estressadas com muitos compromissos e contextos em que os pais pouco participam e terceirizam seu papel com a televisão, os jogos, a escola e as atividades extra-escolares.

**IHU On-Line - O que representa para a sociedade a participação feminina em lideranças de movimentos sociais, trabalhistas? Em comparação com movimentos coordenados por homens, quais as principais diferenças?**

**Renata Domingues** - Representa, antes de tudo, um tensionamento de estruturas rígidas e arraigadas no patriarcado, a partir das quais se construíram historicamente diversas instituições sociais. Temos a valorização da importância da mulher nestes espaços, aparecendo em diversas esferas da vida pública. Mas este lugar não é tranquilo. Estes espaços são, por natureza, feitos de muitas disputas e nestas, por vezes, cada lado lança mão das armas de que dispõe. E a ordem do patriarcado gera um *quantum* de poder efetivo ao qual se recorre em momentos de intensificação destas disputas. Mesmo os movimentos sociais mais libertários precisam incluir com seriedade, ainda na sua pauta de discussões, as questões de gênero, bem como a diversidade cultural. Tais temáticas vêm sendo tratadas de modo secundário ou como foco específico de certas minorias. Seria perigoso traçar um perfil dos movimentos coordenados por mulheres, correndo o risco de cairmos num essencialismo que mais nos enreda que amplia. Mais preciso seria dizer que temos múltiplas formas de se coordenar e liderar que aparecem com a entrada das mulheres nestes postos de trabalho. A questão do cuidado com as crianças passa a atravessar

cada vez mais as organizações, seja pelas demandas destas enquanto trabalhadoras que têm filhos, seja pela intensificação da abordagem desta temática nos mais diversos campos do conhecimento.

**IHU On-Line - Qual é a sua visão sobre a frase “As almas, como os corpos, podem morrer de fome: dê-nos pão, mas dêem-nos também rosas”, lema de ordem de um grupo de operárias americanas em greve, que serviu de inspiração para *Pão e tulipas?* De que forma este lema se insere no atual contexto social feminino?**

**Renata Domingues** - Esta frase tão tocante incita-nos a um paradoxo da luta pela igualdade de gênero: por um lado, há um caráter de reivindicação e disputa que implica numa firmeza de objetivos e ações consistentes pela causa. Por outro, a condição feminina também carrega consigo uma poesia, delicadeza, sensibilidade e afetividade que se inserem em todos espaços marcados pela presença do feminino. Nós também somos mães de meninos, temos irmãos ou pais, avôs. Não estamos numa guerra de sexos com a nossa luta feminista. Há muito amor e vínculos afetivos envolvidos nestas relações, que, em certos aspectos, também oprimem. E o grande desafio é enfrentar o machismo enquanto forma de delimitar o espaço feminino e masculino, sem com isso travar uma batalha contra os homens. Porque localizar neles unicamente a questão seria jogar-nos num determinismo, vitimismo e ser míope ao papel que temos na construção ou enfrentamento desta desigualdade. É preciso, mais do que isso, rever ações, sentimentos, pensamentos, políticas públicas, conhecimentos, livros, sistemas educativos e organizacionais e cada um de nós, no que diz respeito a esta legitimação da desigualdade. Enfim, nos alimentarmos de outras formas de tecer a vida (pão), podendo lidar com estes movimentos sem maniqueísmos, a partir da figura das rosas: perfume, beleza e espinhos compõem a mesma flor. E quem sabe sermos tulipas, flores que nascem em situações adversas e enfrentam ambientes hostis, intempéries, sem perder o encanto, o colorido, a delicadeza.

## Conservação e exploração da biodiversidade – Limites e oportunidades

POR BRUNA QUADROS

**M**ais do que nunca, a preservação dos ecossistemas e dos recursos naturais é um assunto que exige toda a atenção da sociedade. Diante do desafio de manter viva a conscientização dos indivíduos acerca do tema, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU irá inserir o debate no âmbito acadêmico. Conservação e exploração da biodiversidade – limites e oportunidades é o tema do evento IHU Idéias, que será realizado no dia 5 de junho. Quem discutirá o tema é o Prof. Dr. Demétrio Luís Guadagnin, docente da Unisinos, no PPG em Biologia. Na oportunidade, o também presidente do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica irá contextualizar os seus principais projetos de pesquisa, cujo foco é a conservação e o manejo da vida silvestre.

Os temas conservação da biodiversidade em arrozais, e manejos de espécies arbóreas invasoras no bioma Pampa, de pinus e conservação ambiental na zona costeira do sul do Brasil, além da sustentabilidade do extrativismo Kaingang de lianas em áreas peri-urbanas da grande Porto Alegre e efeitos do manejo tradicional do estuário da Lagoa do Peixe na conservação de aves aquáticas fazem parte das recentes pesquisas de Guadagnin. A seguir, acompanhe o foco e as pretensões de cada um dos trabalhos:

### Conservação da biodiversidade em arrozais

A perda, fragmentação e degradação dos habitats naturais estão entre os principais fatores de perda de biodiversidade. Mais de 50% das áreas úmidas do planeta foram perdidas nos últimos 100 anos, principalmente pelo avanço da agricultura. No Rio Grande do Sul, o principal fator é a expansão das lavouras de arroz. Por outro lado, as áreas agrícolas podem contribuir para a conservação de habitats e espécies. Os arrozais podem desempenhar um papel de suplementação dos recursos utilizados por muitas espécies de aves aquáticas, uma vez que são áreas úmidas temporárias. Alguns dos objetivos do projeto são descrever e comparar os padrões de composição e abundância da assembléia de aves aquáticas ao longo do ciclo anual em arrozais e em áreas naturais e analisar o efeito da presença de água nas lavouras de arroz na fase pós-colheita, sobre os padrões de composição e abundância. Foram estudados, na zona costeira do Rio Grande do Sul quatro re-

manescentes de áreas úmidas, seis arrozais drenados no período pós-colheita e quatro arrozais mantidos com água. Os remanescentes de áreas úmidas apresentaram maior riqueza de espécies que as lavouras de arroz e um padrão de flutuação sazonal diferente do encontrado nas lavouras ao longo do ciclo de cultivo. Entre as lavouras, aquelas mantidas com água no período pós-colheita abrigaram uma maior riqueza e abundância de aves. Os ecossistemas agrícolas são capazes de proteger uma fração expressiva da biodiversidade regional. Além disso, os arrozais não são substitutos dos remanescentes naturais na conservação da biodiversidade e as decisões de manejo das lavouras influenciam a capacidade das áreas agrícolas de conservar a biodiversidade.

### Manejo de espécies arbóreas invasoras no bioma pampa

O bioma pampa da América do Sul, que inclui o extremo sul do Brasil, o Uruguai e o centro-leste da Argentina, vem sendo objeto de maciços inves-

timentos do setor florestal para expansão da produção de madeira, em sistemas de monoculturas de espécies exóticas reconhecidamente invasoras — espécies dos gêneros pínus e eucaliptos. No Brasil, a superfície do bioma pampa protegida na forma de unidades de conservação de proteção integral é de 0,13%. Esta condição favoreceu a oportunidade da expansão da silvicultura baseada em espécies exóticas invasoras, que se converteu na principal ameaça presente à conservação da biodiversidade do bioma. Para tanto, o projeto propõe compartilhar as experiências de três grupos de trabalho do cone Sul da América do Sul, em diferentes níveis de avanço sobre a análise dos impactos da silvicultura baseada em espécies exóticas, o manejo de espécies lenhosas exóticas e o planejamento de ações e políticas de conservação. O compartilhamento de experiências é a forma mais rápida e eficiente de planejar ações de conservação abrangentes tanto quanto em relação ao marco conceitual como em relação à coerência espacial necessária para um bioma compartilhado entre os países proponentes. Entre os resultados pretendidos com o projeto, está a elaboração de um manual de melhores práticas de manejo para promover a prevenção e o controle de espécies arbóreas invasoras no bioma Pampa, além de uma avaliação dos impactos socioambientais em nível municipal (saúde, economia e meio ambiente) da economia baseada na silvicultura.

### **Manejo florestal de pínus e conservação ambiental na zona costeira do sul do Brasil**

A atividade silvicultural tem grande importância econômica no Sul do Brasil e impactos ambientais precisam ser mitigados. Na região de Mostardas, zona costeira do Rio Grande do Sul, persistem importantes conflitos entre a silvicultura de pínus, uma espécie invasora de ambientes naturais, e a conservação da biodiversidade regional. Lacunas de conhecimento sobre os efeitos do manejo florestal na biodiversidade e ecossistemas naturais

resultam em riscos associados a todas as ações de manejo propostas, cuja solução é necessária para avançar na compatibilização entre silvicultura e conservação. O manejo florestal pode resultar em mobilização dos sistemas de dunas e estímulo à re-infestação por pínus ou na recuperação da vegetação natural e fixação das dunas. O início de um plano de exploração florestal de pínus no Parque Nacional da Lagoa do Peixe oferece a oportunidade de iniciar um programa de pesquisa voltado à redução das incertezas sobre os efeitos do manejo. O projeto se orienta pela abordagem metodológica do Manejo Ecosistêmico Adaptativo, de tal modo que as ações de manejo se tornem tratamentos no sentido experimental. Os resultados desta atividade proporcionarão subsídios importantes para a gestão do conflito entre a silvicultura e a conservação da biodiversidade no sul do Brasil, em particular, no Parque Nacional da Lagoa do Peixe e seu entorno.

### **Sustentabilidade do extrativismo Kaingang de lianas em áreas peri-urbanas da grande Porto Alegre**

O extrativismo de lianas é uma atividade economicamente e culturalmente importante para as comunidades Kaingang. Desta atividade artesanal, dependem mais de 50 famílias destas comunidades indígenas na região de Porto Alegre. No entanto, esta prática tem gerado conflitos com a gestão de unidades de conservação, legislação ambiental no domínio da Mata Atlântica e proprietários de áreas com fragmentos florestais. O desafio é buscar soluções práticas e participativas, considerando, de um lado, a existência do extrativismo como base da produção de artesanato e sustentabilidade sociocultural e econômica das comunidades indígenas e, de outro, a preocupação com os efeitos deste extrativismo na conservação da biodiversidade. Compreender os processos de coleta e utilização de lianas pelas comunidades indígenas e os processos de regeneração dos estoques de lianas, sob diferentes condições ambientais e regimes de manejo, são

passos essenciais para manejar adaptativamente este recurso renovável de forma a garantir a sustentabilidade e otimização da atividade. Neste sentido, a proposta é estudar e manejar o extrativismo de forma participativa, envolvendo as comunidades Kaingang, gestores de áreas naturais protegidas, proprietários de áreas de interesse de extrativismo e comunidade científica, em um processo de aprendizado.

### **Efeitos do manejo tradicional do estuário da Lagoa do Peixe na conservação de aves aquáticas**

O Parque nacional da Lagoa do Peixe é um ambiente de zonas úmidas de importância internacional para aves aquáticas migratórias e um ambiente estuarino muito particular, por apresentar uma comunicação intermitente com o oceano. Nas épocas de cheia da laguna, em períodos de maior pluviosidade, ocorre a abertura natural da barra da laguna para a conexão com o mar. Persiste no parque a pesca artesanal de camarão-rosa, o que implica na abertura artificial da barra da laguna para a entrada das larvas de camarão, quando esta não ocorre naturalmente na época desejada. Portanto, já há longa data, a abertura artificial da barra da laguna vem sendo efetuada pelas comunidades locais. O plano de manejo do parque prevê o cancelamento deste manejo artificial da barra. A disponibilidade de habitat de alimentação é determinada pelas variações de nível d'água, e as aves podem ser tanto beneficiadas quanto prejudicadas pelo manejo antrópico. Existem habitats alternativos que podem ser ocupados, quando as condições da laguna são inadequadas, mas se desconhece sua adequação para as aves. O projeto contempla o manejo da barra da Lagoa do Peixe de modo adaptativo, através do monitorando dos efeitos de inúmeros fatores naturais e antrópicos sobre a riqueza, composição, comportamento e deslocamentos das aves aquáticas, durante seu período de permanência na laguna. Esta é a ferramenta adequada para conduzir ações de gestão de forma a reduzir as incertezas inerentes e refinar as ações.